

**FUNDO  
PARCITAS  
HEDGE  
FIC FIM**  
desempenho  
**mensal**


**MUNDO**

O mês de março foi marcado por um cenário de volatilidade nos principais ativos de risco norte-americanos, refletindo as incertezas associadas às políticas do presidente Trump em relação ao comércio internacional – tarifas – e ao impacto das decisões políticas internas. A atuação do governo Trump na guerra comercial continuou a influenciar os resultados econômicos, criando um ambiente de desaceleração gradual, especialmente em relação às expectativas dos agentes econômicos.

O índice ISM, que serve como um termômetro da saúde econômica dos EUA, apresentou sinais mistos. A deterioração do setor de manufatura, que está em declínio há algum tempo, foi um reflexo das incertezas globais e do impacto das tarifas impostas pelo governo Trump, que têm afetado a produção industrial. Por outro lado, a medida de preços (Prices Paid) apresentou forte elevação e começou a alimentar a narrativa de que os EUA podem estar, ao menos nos próximos meses, entrando em estagflação.

A inflação medida pelo núcleo do CPI apresentou uma queda inesperada. Embora à primeira vista isso possa ser considerado um dado positivo para o cenário macroeconômico, a principal razão para a queda foi a expressiva redução nos preços das passagens aéreas. Essa redução não reflete necessariamente uma desaceleração generalizada nos preços, mas sim um fator sazonal e específico, o que nos leva a ser cautelosos ao interpretar o dado como sinal de desaceleração adicional da inflação. Hoje nos parece mais relevante os impactos das medidas do presidente Trump para avaliar a trajetória de inflação prospectiva.

O PPI (índice de preços no atacado) do mês também trouxe preocupações, pois mostrou uma pressão crescente nos preços dos serviços. Essa pressão em diversas categorias de serviços sugere que, embora a inflação tenha dado sinais de alívio em alguns itens, o custo de vida para os consumidores continua a subir de forma persistente.

A confiança do consumidor, bem como as expectativas econômicas, continuaram sua trajetória de declínio. A maior preocupação é a crescente polarização política, que tem impactado diretamente a percepção da economia pelos americanos. A diferença significativa nas avaliações entre democratas e republicanos demonstra como o cenário político pode distorcer a percepção de desempenho econômico, especialmente em um ano de eleições.

A reunião do FOMC de março destacou a crescente preocupação com a desaceleração econômica e a disposição de tolerar uma inflação mais alta, desde que esta seja atribuída ao aumento das tarifas comerciais. Esse movimento sinaliza que o Fed está mais focado em preservar o crescimento econômico no curto prazo, mesmo que isso implique uma maior pressão inflacionária.

 **MUNDO**

Diante desse cenário mais desafiador, realocamos parte da nossa exposição em ações americanas por ações defensivas brasileiras que apresentam taxas de retorno reais em patamares atrativos. Estamos aguardando os novos anúncios do presidente Trump para definir novos aumentos em risco de ações americanas. Nesse momento, além da redução de parte das posições, voltamos a aplicar juros nos EUA dado que o risco para uma desaceleração econômica acelerou e, diante dos riscos entre inflação mais alta e atividade mais fraca, nos parece que o FOMC optará por mais cortes à frente.



## BRASIL

O mês de março foi um período marcado por um cenário dinâmico tanto no Brasil quanto no exterior, com a continuidade da volatilidade nos dados econômicos globais e uma combinação de fatores internos que impactaram os mercados. A evolução da economia brasileira, em particular, seguiu a tendência de recuperação gradual, apesar de desafios fiscais e do contexto de juros elevados.

A dinâmica da economia brasileira no início de 2025 confirma a nossa tese de que a desaceleração observada no quarto trimestre de 2024 foi impulsionada por fatores exógenos, como o choque de incerteza global e decepção com o anúncio do pacote de gastos.

Embora ainda enxerguemos um cenário de desaceleração moderada da atividade, destacamos que os dados na margem têm apresentado números mais aquecidos. Além disso, o crescimento real da renda, mesmo em um contexto de pressão inflacionária, evidencia a resiliência do mercado de trabalho brasileiro. Em nossa visão, esse dinamismo, embora limitado pela alta de juros, tem sido sustentado por fatores como o crescimento do setor agrícola e medidas do governo, que suavizam a desaceleração. Outro dado relevante são as importações, que atingiram níveis próximos a US\$290 bilhões anuais, ajustados pela sazonalidade. Esse valor elevado indica que a demanda interna continua forte.

Com base nessa série de dados, revisamos nossas projeções para o PIB do 1º trimestre de 2025, passando de +0,9% para +1,1%. Para o crescimento anual, a estimativa foi revisada de 2,0% para 2,2%. No entanto, os elevados juros reais continuam a atuar como um fator de contenção, o que deve levar a uma desaceleração gradual, especialmente no segundo semestre.

Os dados de inflação divulgados em março também mostraram sinais mais positivos do que o esperado, especialmente nas partes tradeables (bens e serviços comercializáveis). Apesar da forte depreciação do câmbio nos últimos 12 meses, o efeito sobre os preços foi menor do que o projetado, e a ausência de choques significativos, como os de energia, contribuiu para limitar o pico da inflação, que deve ficar abaixo dos 6% este ano. Por outro lado, a inflação de serviços, que estava em trajetória de aceleração, parece ter estabilizado em níveis elevados (aproximadamente 8,0% na medida de variação anualizada de 3 meses). Esse cenário, com um pico da inflação mais baixo e uma tendência de estabilidade nos preços dos serviços, nos levou a revisar para baixo a projeção de inflação para 2025, passando de 5,5% para 5,4%. Já para 2026, a projeção foi ajustada para cima, de 4,3% para 4,7%, dado o risco de inflação inercial maior.

No cenário fiscal, o mês foi marcado pela continuidade da perda de popularidade do governo, o que gerou anúncios de novas medidas para tentar reverter essa tendência. O destaque foi a proposta de reforma do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF), que prevê isenção para rendimentos até R\$5 mil mensais, com um custo estimado de R\$27 bilhões anuais para os cofres públicos. Além disso, o Novo Consignado, que foi lançado recentemente, tem se mostrado eficaz, com concessões adicionais de crédito que podem injetar cerca de R\$35 bilhões na economia nas primeiras semanas do programa.



## BRASIL

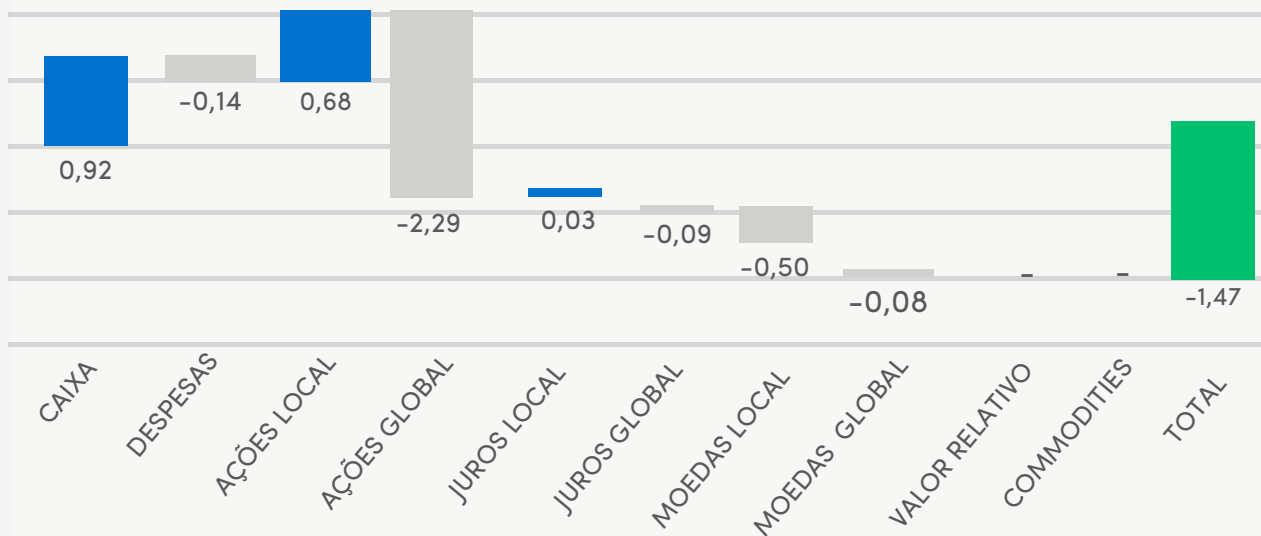
Já o Copom seguiu a trajetória de aumento da Selic, elevando a taxa em 100 bps, em linha com as expectativas do mercado (levando a taxa Selic para 14,25%). Dado o desvio das expectativas de inflação em relação à meta e a demanda aquecida, o Comitê indicou que o ciclo de alta de juros pode continuar, com a taxa Selic permanecendo elevada por um período mais longo, no entanto não indicou a magnitude das próximas decisões.

Considerando os dados mais positivos de inflação corrente e a previsão de impulsos fiscais no futuro, o BCB provavelmente encerrará o ciclo de alta entre 15,00-15,25%. No entanto, a expectativa é que o corte de juros só ocorra em um cenário mais distante, dado o contexto de inflação persistente e incertezas fiscais.

Na direção contrária dos índices acionários norte-americanos, os ativos de risco brasileiros tiveram bom desempenho. Com o Ibovespa subindo, Dólar depreciando e taxas de juros cedendo. Como citado anteriormente, ao longo do mês trocamos parte da exposição em ações americanas por ações brasileiras com destaque para o setor de utilities. Mantemos ainda uma pequena posição aplicada no juro real longo e, como forma de proteção para as posições citadas, carregamos uma posição comprada em dólar que foi reduzida ao longo do mês.



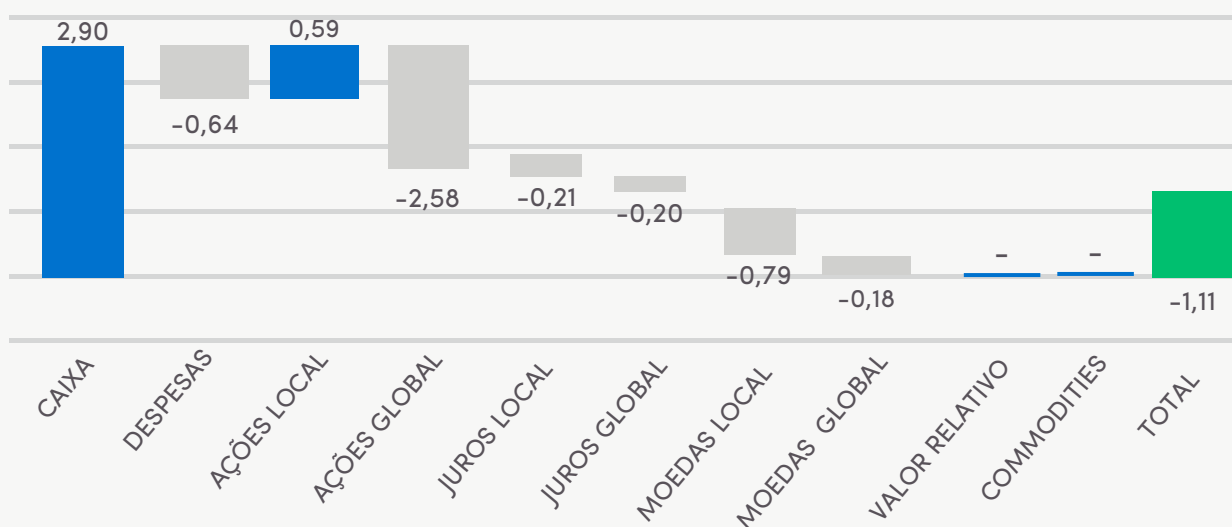
**ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE**  
**Parcitas Hedge FIC FIM - Março/2025**



\*Dados de 01/mar/2025 até 31/mar/2025



**ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE**  
**Parcitas Hedge FIC FIM - Ano/2025\***



\*Dados de 01/jan/2025 até 28/fev/2025

 **RETORNOS MENSAIS (%)**

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	ANO	INÍCIO
<b>2025</b>	0,48	-0,11	-1,47	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-1,11	-45,74
<b>% CDI</b>	47	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	71
<b>2024</b>	0,37	-0,67	0,95	-1,72	0,83	1,11	0,96	2,16	1,40	-0,06	1,17	-0,39	6,23	47,37
<b>% CDI</b>	38	-	114	-	98	141	105	249	168	-	148	-	57	79
<b>2023</b>	1,80	1,52	3,15	0,66	1,78	-2,05	0,89	-0,12	-2,26	-3,17	4,85	2,52	9,67	38,72
<b>% CDI</b>	161	165	268	72	159	-	83	-	-	-	529	281	74	87
<b>2022</b>	-1,17	0,69	4,51	-2,01	0,20	0,67	2,21	-0,37	1,44	-0,61	-4,50	0,23	1,02	26,49
<b>% CDI</b>	-	92	489	-	19	66	214	-	134	-	-	20	8	96
<b>2021</b>	-0,18	0,84	1,15	1,30	0,15	1,18	-0,83	0,28	-1,30	4,25	0,35	0,08	7,39	25,21
<b>% CDI</b>	-	625	580	625	56	386	-	65	-	885	60	11	168	185
<b>2020</b>	0,56	-2,11	-11,93	5,27	4,41	1,95	2,64	2,40	-2,44	-1,51	4,15	1,40	3,60	16,60
<b>% CDI</b>	148	-	-	1.850	1.849	908	1.361	1.490	-	-	273	848	130	187
<b>2019</b>	3,01	-0,21	0,68	0,79	0,58	0,74	0,79	-0,20	1,67	1,28	-0,51	3,33	12,55	12,55
<b>% CDI</b>	582	-	146	152	106	158	140	-	360	266	-	884	211	211

PL: R\$ R\$ 591,9 milhões

PL: Patrimônio Líquido

PL médio (12 meses):

R\$580 milhões

**MARÇO DE 2025**

**-1,47%**

**12 MESES**

**+4,48%**

(40% DO CDI)

**DESDE O INÍCIO\***

**+45,74%**

(71% DO CDI)

\*02/01/2019

Aviso: Leia o prospecto e o regulamento antes de investir. A rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com a garantia do Administrador, do Gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou Fundo Garantidor de Crédito - FGC



+55 11 3192 9050  
[ri@parcitas.com.br](mailto:ri@parcitas.com.br)



Acompanhe a Parcitas  
nas redes sociais